

Pressão de ecologistas afeta venda de madeira

Pressões de entidades ambientalistas internacionais em defesa da Amazônia estão afetando as exportações brasileiras de madeira. De janeiro a agosto deste ano, as vendas do Pará e do Amapá (70% do mercado) caíram 15% em relação a 1989. Os importadores agora querem garantias de que a madeira não foi extraída de forma predatória. PÁG. C-1

'Lobby' verde afeta exportação de madeira

Da Sucursal de Brasília

As pressões ambientalistas internacionais pela preservação da floresta amazônica estão afetando as exportações brasileiras do setor madeireiro. As empresas do Pará e Amapá (Estados que detêm 70% do mercado) exportaram 15% a menos de janeiro a agosto deste ano em relação ao mesmo período de 89. Isso significou uma redução de US\$ 20 milhões (Cr\$ 2 bilhões pelo câmbio paralelo), segundo o presidente da associação dos exportadores dos dois Estados, Danilo Remor.

Os maiores compradores de produtos de madeira brasileiros são os Estados Unidos e a Inglaterra. O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) tem recebido desses países vários pedidos de informação sobre a procedência da madeira utilizada pelo fornecedor brasileiro.

"Os importadores querem a garantia de que a matéria-prima (madeira) usada para fabricar o produto não foi explorada em bases predatórias", explica o secretário de planejamento do Ibama, Antônio Carlos do Prado, 39. Essa garantia nem sempre pode ser dada, embora a legislação brasileira determine que a exploração da madeira seja racional. As empresas que consomem mais de 12 mil metros cúbicos anuais de toras têm de apresentar um plano de manejo para a área, para repor a floresta.

Esse plano precisa da aprovação do Ibama para que a madeira seja explorada. Mas isso, na prática, não funciona, porque o Ibama tem apenas cerca de 300 fiscais para cobrir os 350 milhões de hectares de floresta amazônica, onde atuam mais de 50 mil empresas madeireiras e florestais (que usam o carvão vegetal como energia). "A maioria funciona

ilegalmente", afirma o secretário do Ibama.

O presidente da Associação dos Exportadores do Pará afirma que a extração da floresta é seletiva. "Tiramos no máximo três ou quatro árvores por hectare", diz Danilo Remor. Ele concorda que é preciso mais conscientização do industrial para fazer um uso racional da floresta, mas com o tempo. "O que não se pode é castigar uma atividade de uma hora para outra", diz o empresário.

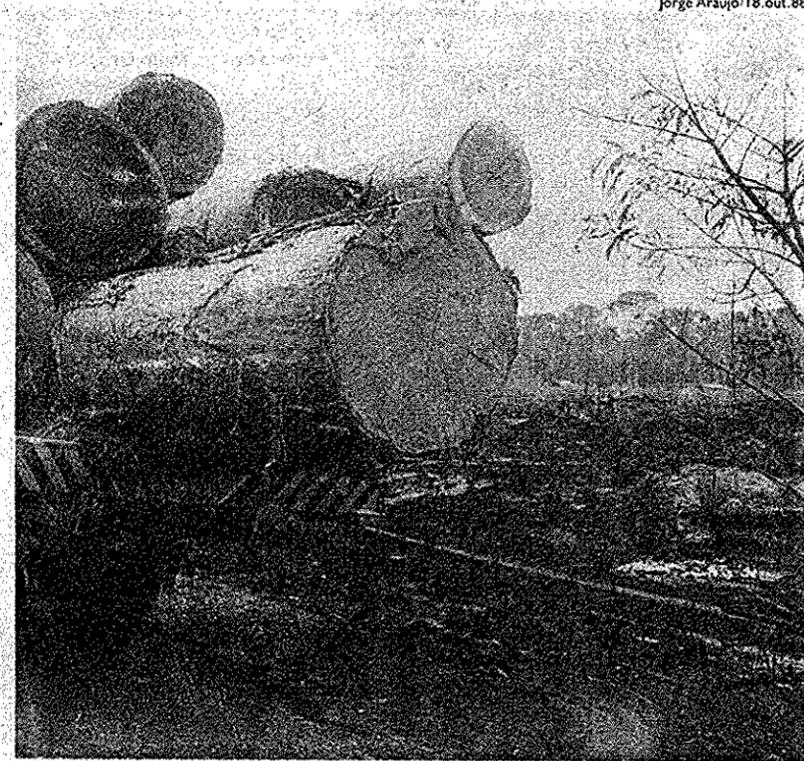
A Diretoria de Recursos Naturais Renováveis (Diren) do Ibama está analisando as causas da queda das exportações de madeira. Em 1988, foram exportadas 1,3 milhão de toneladas de produtos desse setor, totalizando um valor de US\$ 554 milhões. No ano seguinte, o volume exportado foi de 962,5 mil toneladas (quase 361 mil a menos), no valor de US\$ 409,4 milhões. Essa análise ficará pronta em novembro,

quando o Ibama vai poder afirmar se a queda se deveu ao boicote internacional ou a outras razões.

O presidente da associação paraense de exportadores garante que os tradicionais clientes brasileiros já estão comprando madeira de outros fornecedores, como Bolívia, Indonésia, Malásia e África, sobre os quais a pressão de entidades ambientalistas internacionais é menor. "Os importadores não querem se comprometer com a devastação da Amazônia", diz Danilo Remor.

Uma outra causa possível para a queda nas exportações é o esgotamento de algumas espécies. O Ibama desenvolve há alguns anos uma política de contingenciamento (limite para exportação) no caso de quatro espécies ameaçadas: pinho, imbuia, virola e mogno. Esta última é o carro-chefe das exportações brasileiras e representa 60% do total.

(Raquel Ulhoa)



Desmatamento em Rondônia, que o Ibama não consegue controlar